

UMA PORTA PARA O INFINITO

Notas da Assembleia das comunidades de CL em Minas Gerais e Brasília com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de CL. O encontro foi realizado no dia 4 de julho de 2021 por videoconferência, sendo introduzido por Marco Matos (Marquinho), responsável da comunidade de Belo Horizonte.

Marquinho: A gente teve essa feliz ideia de fazer juntos a Assembleia, todas as comunidades de Minas junto com Brasília, matando saudade das férias de final de ano. Que a gente tenha uma amizade entre a gente, que a gente faça um caminho juntos, isso não é óbvio. (...). Começamos com os dois cantos e uma poesia: *O silêncio das estrelas* (Lenine), *A cura* (Lulu Santos) e *Antes da viagem* (E. Montale).

Começar a Assembleia cantando, ou recitando um poema, não é para enfeitar a Assembleia, é para ajudar a nos introduzir no diálogo sobre a experiência da gente. E eu lendo essas letras aqui, é muito bonito pensar como o Lenine começa dizendo que a gente se encontra muitas vezes nessa situação como uma ilusão. A ilusão de pensar que eu tinha o mundo em minhas mãos, como um deus. Parece que está tudo sob controle. Ou como Montale falava na poesia: vou fazer a viagem e me organizo todo, está tudo sob controle, pensei em todos os detalhes. E aí a gente fica tranquilo. Mas acontecem as circunstâncias – como o Carrón está chamando tanto a atenção da gente – acontecem as circunstâncias que nos ajudam a amanhecer mortais, repetindo os mesmos erros. Num momento a gente tem tudo sob controle, estamos tranquilos por isso. E no instante seguinte, numa circunstância seguinte, a gente amanhece mortal. Somos mortais. Repetimos todo dia os mesmos erros. Parece que as coisas são inúteis, como Montale fala da viagem: a gente vai lá, faz a viagem e é inútil, porque eu perdi o controle das coisas. Mas aí é bonito, como Carrón está ensinando a gente, que essas circunstâncias se tornam uma oportunidade. Porque quando eu amanheço mortal e repito os mesmos erros, dói em mim. O doer em mim é uma oportunidade. Ver que toda essa procura não tem fim. O que eu procuro afinal, o que vai ser da minha viagem? A circunstância, de uma certa maneira, nos constrange a nos dar conta de que a gente é homem em busca de mais, de mais... De que essa procura não tem fim. Como Carrón coloca na Escola de Comunidade: o homem é um ser que faz perguntas sem fim. E aí se coloca essa questão que é bonita. Quando a gente vai até o fundo, a gente se dá conta dessa nossa procura sem fim, vem essa consciência: um imprevisto é a única esperança. Tudo aquilo que tenho sob controle, todo meu planejamento, não são capazes de responder às minhas perguntas, às minhas buscas. Só um imprevisto. E depois na terceira música que fala: esse imprevisto existirá. A bandeira da vida vai tremular em todo porto. Vai trazer uma luz que vai iluminar todo farol. Uma ponta de esperança. Virá quando a gente menos espera, de onde a gente menos imagina, porque as circunstâncias são assim. As circunstâncias que são difíceis, que são pesadas e, de repente, sem que a gente espere, sem que a gente imagine, vem. Vem e demole as nossas certezas vãs. O imprevisto é a única esperança, mas dizem que é tolice dizer. Uma certeza vã. Mas vem. Esse imprevisto vem e toda raça humana pode experimentar a cura, a resposta para suas perguntas.

A Assembleia de hoje é para a gente falar justamente desse itinerário, desse caminho que a gente está fazendo nesse último tempo, que perguntas têm acontecido; porque se a gente não deixa passar as coisas em vão, se a gente se coloca umas perguntas, se a gente sofre esse amanhecer mortal, e se dá conta dos limites que a gente tem, e que as circunstâncias colocam, aparecem perguntas. Aparecem experiências nossas. Então o que a gente está aprendendo, o que a gente está descobrindo? O que a gente não está desperdiçando nesse tempo de pandemia, mas não só de pandemia: com tudo aquilo que

está acontecendo neste tempo, seja na vida pessoal da gente, da família da gente, do trabalho, ou do mundo, que a gente vê chegar toda hora. Então, vamos aproveitar esse momento, como um grande momento de a gente aprender, aprender da experiência da gente.

Colocação: Uma coisa que eu me dei conta é que a grande questão não é esperar; esperar a gente vai esperar, não tem jeito, a gente não escapa disso. É da natureza humana. Mas a beleza está em se dar conta dessa espera, pois nesse momento percebemos a grandeza de nosso coração. Aqui em casa a gente tem o costume de ler junto, que é algo que tinha se perdido por causa da dinâmica da vida, e na pandemia a gente retornou. Nós já temos acho que uns 4 livros juntos, um pedacinho a cada dia. E eu me dei conta como que eu preciso disso, como me fazia falta ler; porque nessa dinâmica do professor a gente lê aquilo que é muito do dia a dia, da obrigação do trabalho e esquece um pouco dessas coisas que a gente tem. E aí eu comecei a reler o Guimarães Rosa. Li o *Grande Sertão: Veredas* e nesse momento estou relendo *Miguilim*. *Miguilim* eu já tinha lido, 20 anos atrás, mais ou menos. E aí eu me deparei com o menino, que vive numa terra arrendada, com seus pais, naquela dificuldade de plantar, aquela coisa toda da família. E ele era muito magrinho, muito fraquinho, e aí o pessoal começa a comentar: “Esse menino vai morrer!” E aí começa a vir essa crise na cabeça do menino. E Guimarães Rosa, quando vai contando isso, o narrador conta como se fosse o menino, então às vezes a gente não sabe se é o menino que está contando a história ou se é um adulto, fica meio misturado. E aí chega num momento em que ele acha que ele vai estar mesmo tísico, tuberculoso. E aí ele fica pensando assim: nossa, eu preciso de 3 dias de vida? Não, não. Me dá 10, Deus! Me dá 10 dias de vida. Pelo menos pra eu ver, brincar um pouco mais com o Dito, que é o irmão de quem ele mais gosta e tal, aquela coisa toda. Mas ele pediu para Deus 10 dias. E nesse momento que eu vou ler, ele está no penúltimo dia. E olha só o que acontece, do que ele se dá conta: *Mas a mal, vinha vesprando a hora. Vesprando, gente, olha só isso aqui: “vesprando”. Mistura de véspera... Vesprando a hora, o fim do prazo. Miguilim não achava pé em pensamento, onde se firmar.* Imagina, ele ia morrer logo no outro dia. Entra aí nesse momento. *Os dias não cabiam dentro do tempo.* E aí ele vem e chama o Dito, que é o irmão preferido, mais novo: *Dito, vem cá, fala comigo uma pergunta minha. Que é que é, Miguilim? Você sabe, pai diz: Amanhã ele vai deixar a gente, nós dois, montar a cavalo, sozinhos. Vamos ajudar a trazer os bezerras. Dito, você já teve alguma vez vontade de conversar com o anjo da guarda? Não pode, Miguilim. Se puder, vai pro inferno. Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é. Nem de donde. Me afrontando.* E aí eu tive um momento no meio dessa pandemia, já tinha dois meses que não estava trabalhando, a não ser uma coisa ou outra, respondendo a diretor e tal, mas não em contato com os alunos. Isso foi me criando uma angústia e um desejo de encontrar com os alunos. E engraçado que no dia que eu acho que eu rezei mais de verdade mesmo, como o Miguilim aqui se deu conta desse fundo do fundo que a gente tem, e aí uma aluna me chama no *Messenger* e fala que estava com uma vontade de estudar, porque estava sem fazer nada e que queria estudar e como é que a gente fazia? “Tem um monte de aplicativo aí, professor, vamos fazer alguma coisa?” E aí veio ao encontro, duas esferas se encontraram aí. E eu comecei a trabalhar antes de todo mundo, das minhas escolas. Algumas escolas tinham até começado na prefeitura aqui de Belo Horizonte onde eu trabalho, no município, na rede pública. Mas a nossa, as duas escolas em que eu dava aula, não. E daí eu comecei a pedir para ela criar um grupo, eles se conhecem, e disso aí nasceu um monte de coisas para mim, no relacionamento com os meninos. No final do ano passado, quando a gente começou mais coletivamente as atividades para os alunos, em setembro, aí mais ou menos em outubro essa estudante

saiu da escola. Não sei pra onde ela foi, não consegui mais contato com ela. Mas o que aconteceu dali foi impressionante, o imprevisito.

Colocação: Moro em Brasília e tenho visto há algumas semanas, com uma colega de trabalho, o drama da pandemia. Ela trouxe o pai de Recife para cá, para ficar com ela, porque aqui a vacina estava mais avançada e queria vacinar o pai logo, para garantir que nada iria acontecer. E o pai se vacinou, fez as duas doses, voltou para Recife e disse: “Filha, eu volto, a gente vai conversar, volto mesmo”. E ele almoçou, deitou na redinha lá, que é o nosso costume nordestino, depois do almoço, e o pai dela enfartou. E isso me provocou muito nesses dias, porque todas as nossas esperanças vivem em torno da vacina, vivem em torno dessa situação. Mas é como hoje essa Assembleia está mostrando: os imprevisitos existirão, e vêm de onde a gente menos espera. E numa das últimas, num encontro com o pessoal do Ceará, um amigo colocou: é preciso essa simplicidade de acordar e agradecer, porque a vida depende e que a gente tem que levar em conta os imprevisitos. Eu acho que isso me marca muito, me faz aprofundar, porque no início da pandemia eu vivi um drama tremendo, de medo, de pânico, e continuava acompanhando os encontros com os amigos da Escola de Comunidade, tanto de Fortaleza, que eu fazia, mas acompanhava também lá de Salvador. Parecia que eu fosse alguém perdido, mas não era, era um cuidado de Deus comigo, porque eu acompanhava todos, porque eu estava em Fortaleza, tive que me mudar para o interior, sair da capital, tive que ir para acompanhar os meus pais. Isso já foi um drama todo, depois de ter terminado o doutorado e não ter um trabalho. E estava me vendo um cuidador. E a pandemia entrou para isso. E me mostrava cada vez mais alguém dentro de casa fazendo todas as funções da casa, e não um trabalho. E isso foi muito forte pra mim. Então à noite eu tinha um tempo para fazer Escola de Comunidade. Quanto mais eu acompanhava, mais a vida me colocava em certas situações. E quando eu me vi – porque eu saí para resolver uma coisa da minha tia, comprar uma cadeira de banho pra ela, e com a cabeça cheia de coisas avancei uma preferencial e um caminhão atropelou, acabou a frente do carro. E eu baixei a cabeça e disse: tem alguma coisa errada. Eu faço todas as Escolas de Comunidade... O que está acontecendo? O que está errado comigo? Mas parar e pensar, e colocar isso, me faz retomar o sentido da vida, me faz crescer e saber que isso faz parte. Me faz encontrar esse significado maior, e de que são os amigos que trazem o rosto de Cristo. E que não é essa coisa dócil, não vai ser nunca essa coisa tão amigável, nem sempre a vida é dessa forma. Mas estou muito feliz.

Bracco: Agradeço a você, porque se não falamos do nosso humano, estamos aqui perdendo tempo. E o nosso humano não é tudo uma maravilha, não é tudo claro. É feito de feridas, é feito de perguntas. Então, se não estamos aqui nesta hora com as nossas perguntas, que cada um tem, estamos perdendo tempo. As perguntas lá que estão no fundo, que te incomodam, que não têm respostas, não podemos colocar um esparadrapo assim em cima nesses dias, nesses momentos. Porque nós procuramos um sinal, uma porta, para o infinito. Que parece real. Por quê? Porque os dramas parecem mais reais do que um sinal de uma porta do infinito, que talvez um dia a gente encontrou, mas hoje parece um pouco que não tem. Estou fazendo todas as Escolas de Comunidade do mundo, tem mais uma pra fazer, mas a realidade do caminhão que me atropela é mais potente do que uma porta do infinito que eu encontrei um dia, que parece real. Eu preciso de algo real. Então, eu estou aqui não para passar uma hora bem com os amigos de quem tenho saudade – desculpe, eu tenho muita saudade também – mas estou aqui porque estou buscando esse infinito hoje, que é a única coisa que me dá força, me deixa em pé, me faz respirar. Uma porta para o infinito. O infinito é algo que entra como uma flecha, um raio. Dentro de tudo aquilo que era comum até agora, entrou uma coisa que

tem a ver com o infinito que eu tenho dentro. É isso que eu quero, é isso que eu procuro. O irreal começa a se tornar real, quando acontece isso. Então, estamos fazendo essa experiência? Porque não me basta uma coisa que cuide um pouco de uma ferida. Eu quero algo que entre dentro desse problema. O que ele falou: faço 3 Escolas de Comunidade, e aí, o que falta? Falta que entre uma coisa real. O infinito como algo real, alguma coisa na minha experiência que tenha traços reais e não um infinito irreal. “Dói em mim ver que essa procura não tem fim”, como aquele artigo que Carrón citou, de uma jornalista espanhola, Rosa Montero. Parece que nós estamos como numa escada rolante, sempre na procura de alguma coisa, que depois não alcançamos nunca. A jornalista falou: fica em paz, porque a felicidade nunca vem. “Existe o aqui e agora, hoje. Esse infinito é irreal, que vocês buscam”. E nós temos que ouvir isso e verificar se é verdade. Eu encontrei algo que tinha traços desse infinito real que me permite olhar o caminhão que passa e me atropela, que me permite estar de pé quando tudo parece que está caindo. E tenho algo que me faz perceber que estou construindo alguma coisa, quando não gosto de um governo e parece que tudo é ruim. Eu estou construindo alguma coisa boa? Nós estamos construindo algo que está respondendo a essa sede do infinito do mundo, ou nós somos uma gota no oceano que, no fundo, no fundo, não vai mudar nada? Eu não quero que a minha vida seja dentro de um Movimento, dentro de uma história e no fundo, no fundo, achar que isso não vai mudar nada. Hoje a festa de dois, de duas pessoas reais, que hoje na missa fiquei comovido: caramba, esses dois encontraram esse infinito que se tornou real na vida deles, até dar a vida. Até dar a vida. Eu tenho que verificar isso, se isso aconteceu, e se continua a acontecer, pode acontecer na minha vida, hoje. E se estou no caminho onde eu verifico isso. Porque tem dignidade de responder a essas perguntas. Caramba, faço 4 Escolas de Comunidade mas os problemas da minha vida parece que não estão resolvidos! Nós não podemos mais... estamos num momento que eu acho um momento de graça, porque tirou um pouco as coisas cômodas, as coisas irreais, que parecem que dá para você viver. Não, agora ou encontro algo que tem dignidade e tem a ver com esse infinito para viver, ou é muito complicado. Até uma companhia quentinha, é difícil que baste. Então, por isso que é uma ocasião enorme a que temos, de poder verificar tudo, tudo. Mas tudo nesse nível. Que verdade que eu procuro um sinal, uma porta, para o infinito? Mas isso é real, é um sonho? É um sonho de um futuro que nunca chega? Ou é algo de que eu vejo traços? Vejo traços na minha vida. Vamos, agora quem responde, quem coloca a sua experiência, tente seguir esse fio que começamos, para responder a essas coisas.

Colocação: Falo tentando responder à pergunta que foi colocada, sobre a fresta, como a pandemia abriu uma brecha no nosso trabalho. Eu estava muito ferido nesses dias porque num espaço entre uma semana e dez dias, uma amiga minha perdeu, pela Covid, a mãe e o avô. E também eu tenho uma prima que teve Covid e está com sequelas pulmonares. E aí, eu não sei o que foi que eu escrevi no grupo de WhatsApp da Escola de Comunidade, mas uma pessoa começou a fazer certas declarações e por fim fez um comentário que eu achei muito desrespeitoso com os mortos. Isso, sabendo que é só por questão política, por ser favorável a um determinado político. Então, aquilo me feriu muito, eu saí do grupo mas também não consegui, depois disso, participar das Escolas de Comunidade com essa pessoa. E o que tem me ferido nesses tempos de pandemia, mais do que a questão do coronavírus ou as pessoas falando de distanciamento, com as pessoas que sofrem – não é que isso não me afete –, mas o que me afeta mais é essa perda dessa humanidade que a gente tem visto, que parte de um grupo político, mas isso vai chegando nas pessoas, na sociedade. Não fica só no alto do poder. Isso chega até a gente. A tal ponto de as pessoas virem com discurso de “vamos celebrar a vida”, como

“vamos comemorar os aviões que não caíram, não vamos aqui lamentar pelo avião que caiu”. Coisas desse tipo me machucaram demais.

Bracco: Não vamos esquecer aquilo que falamos até agora. Se não, não vamos partir do real. O real é: aquilo que falamos até agora, o que falou nosso amigo antes e alguma coisa que eu falei. Os cantos que ouvimos hoje. Se não, vamos partir com a nossa ideia e a gente vai em frente. Então, o que aquilo que falamos até agora tem a ver com essa sua ferida?

Colocação: Sim, é isso que vou dizer agora. Ouvindo o primeiro testemunho, do amigo de Belo Horizonte, queria compartilhar um trecho aqui da Ety Hillesum que me ajudou e que foi um bálsamo, vamos dizer, nessa ferida. Ela diz assim: *Já seria suficiente que houvesse um indivíduo que merecesse ser chamado de humano para acreditar no homem e na humanidade.* Esse é o diário de uma judia que morava na Holanda que estava ocupada pelos alemães nazistas e que estava vivenciando a perseguição contra os judeus. E ela diz assim: *O grande ódio contra os alemães – ela fala aqui o ódio dos judeus – o grande ódio contra os alemães, que envenena a própria alma, é um problema atual. Expressões como “deixe que todos se afoguem”, “corja”, “têm que ser dedetizados”, fazem parte das conversas cotidianas e às vezes dão a sensação de que não é mais possível viver nestes tempos. Até que de repente, algumas semanas atrás, de súbito surgiu o pensamento libertador, despontando hesitante como uma folhinha de grama nova num terreno baldio coberto de erva daninha: ainda que existisse apenas um alemão decente, valeria a pena protegê-lo contra todo o bando de bárbaros. E em respeito a esse único alemão decente, as pessoas não poderiam derramar seu ódio contra todo um povo.* Depois ela continua: *Isso não significa que se deva ser brando com determinadas correntes. É preciso tomar posição, indignar-se com determinadas coisas. Tentar compreender o que está acontecendo. Mas o ódio indiferenciado é a pior coisa que existe. É uma doença da própria alma.* E digo assim: esse trecho me fez companhia porque eu entendi que o que aconteceu comigo, no fundo era me deixar contaminar também por essa própria desumanidade que me feriu. Eu não posso retribuir a essa pessoa que teve esse comportamento de banalizar a morte, com essa minha reação; porque é uma reação, é uma forma de transformar uma certa raiva, uma ferida que eu tenho, de coisas meio gerais, com o governo, político, grupo político, para uma pessoa específica. Então entendi que essa minha reação não era uma reação justa, ainda que – não sei se dá para entender, é complexo isso – é justo que eu me fira, mas eu não posso reagir da mesma forma, porque é me deixar contaminar por essa própria desumanidade. Então eu tenho percebido que o caminho para estar à altura desses desafios, dessa perda, dessa humanidade que a gente está vivenciando, é o caminho que o Movimento está propondo agora, que é um caminho que eu estou fazendo. Não tenho uma resposta pronta, dizendo como eu devo me portar. Mas posso identificar que não posso me portar somente de uma forma reativa, porque simplesmente reagir a isso é me deixar contaminar por essa desumanização. Não sei se estou me fazendo entender, é mais ou menos isso.

Bracco: Sim, com certeza. Eu falei que temos que verificar aquilo que falamos antes, porque, quando você não reage, quando você tem alguma outra coisa que te faz como vibrar – você lembra do Pedro? Pedro, no horto das Oliveiras, ele reagiu. Reagir é humano, não é que você tem que tirar o teu ímpeto que tem uma certa reação diante de algo que você vê que não é humano. Mas o problema é: o que aconteceu a Pedro depois? Que história aconteceu a Pedro, tanto que começou a mudar o mundo e até chegar a mudanças dentro da sociedade. Tudo começou de uma reação de Pedro. Pegou

a faca, cortou a orelha do soldado lá. E o que aconteceu depois a Pedro? Parecia que não tinha mudado nada em Pedro. Vendo toda aquela falta de humanidade, vendo todo aquele desastre que estava acontecendo, Pedro reagiu e foi um suceder-se de coisas que foi um desespero. Ele não estava vendo nada daquilo que tinha sido prometido, da mudança do mundo. Pedro não estava vendo nada. Olha o que aconteceu na história dele. A partir de um encontro, a partir de um cara que não largou dele. A partir de uma história de amor que começou com ele, e Pedro traiu, não foi o melhor. Ele reagiu e depois traiu, fez uma besteira até pior, porque o soldado não tinha encontrado ninguém; ele tinha encontrado Cristo. Eu traí. Mas olha o que aconteceu depois. A partir do perdão, a partir da experiência do “sim” de Pedro, lembra o que falou a Escola de Comunidade? A origem de um povo novo. A origem de um povo novo nasce do “sim” de Pedro. Que não é só perdão, ah, então vou te perdoar porque você fez isso, eu não reagi. Não, o “sim” de Pedro é como se fosse o mais profundo do perdão. Nós temos que reler isso que Carrón falou no tríduo Pascal, continuar a reler isso, porque a dinâmica que desencadeia a possibilidade de uma mudança, até na sociedade, na tua casa, na minha casa, no bairro, até a sociedade. Por quê? Porque é um amor incondicional que me investiu como o caminhão de antes. Não é um caminhão, é um caminhão de misericórdia, que vai lá dentro de mim e faz surgir algo impensável. Não contra o mal dos outros, contra o meu! Vai lá na origem do meu, de mal de alguém que me pergunta assim: mas você me ama? É isso que me basta. Na origem do “sim” de Pedro, nasceu um povo novo e isso continuará sempre a ser isso. Olhe, isso não vale só para os piegas de cristãos que somos nós. Não é só um discurso do Movimento. Isso vale para a mudança do mundo. O “sim” de Pedro, aquela coisa que nasceu como um fio, de um homem chorando: “Nossa, não sei como é, com todo o meu mal eu te amo”. Essa é a possibilidade de vencer a nossa reatividade quando encontramos alguém que é dialético, que é ideológico. De outra forma, nós seremos a mesma coisa. Se não nasce essa nova posição original. Por que original? Porque tem a origem de uma outra coisa, que é esse “sim” de Pedro. A mudança pela qual nasceu um povo novo dentro da história foi o “sim” de Pedro. Não foi um cara genial que sabia como fazer as mudanças da sociedade. Não. Foi um cara que tinha feito a maior bobagem do mundo, antes. E se nós não partimos disso, não saberemos conversar com quem não quer ouvir a gente. Não saberemos ficar em silêncio, não saberemos ter o olhar que vai abrir brechas. Às vezes aquilo que mais abre brechas é um silêncio e um olhar. Não saberemos ter essa originalidade, mas estaremos sempre preocupados porque não saberemos entrar numa dialética. E o que precisa mais no mundo, agora? De alguém que viva o “sim” de Pedro assim. Porque no “sim” de Pedro tem a origem de um povo novo, de uma sociedade nova, de um Brasil novo, de um mundo novo. Mas nós não acreditamos nisso. Para isso, esse aqui é um discurso que vale quando estamos na Escola de Comunidade. Por isso que podemos fazer quatro Escolas de Comunidade, mas quando chega o caminhão... Então essa é uma ocasião enorme que temos. Mas obrigado, é através dessas coisas, colocando, que a gente pode aprender uma coisa que talvez não tínhamos ainda, porque não entrou na nossa carne, sabe. Ou entrou, mas agora pode explodir mais. Na frente das coisas concretas, que era a sua reação com esse seu amigo, na frente do caminhão que te atropela.

Colocação: Eu queria falar 3 coisas. A primeira delas tem a ver com a experiência da comunidade e a experiência da suspeita, onde no capítulo 3 ele fala a respeito, por exemplo, desse nosso momento que a gente vive, sendo bombardeados por todos os lados com muitas informações. E muitas vezes eu me vejo como que agitado, jogado de um lado pro outro, no meio de tantas informações. Muitas vezes me vem a pergunta: mas o que é a verdade? Onde está a verdade? Eu sei que a verdade é Cristo, é um

homem, um homem presente. Só que eu também percebo que esse estar agitado de um lado pro outro, muitas vezes sacudido de um lado pro outro com tantas informações que a gente recebe, isso também nos deixa muitas vezes aflito, um pouco triste, um pouco decepcionado. Ele coloca aqui, na nota de rodapé número 8, ele fala bem assim: *Este é o drama do homem de hoje. Hoje vivemos no universo da desconfiança, num mundo em que fomos tão enganados que já não acreditamos na palavra verdadeira e semelhante mundo é assustador.* Então um pouco dessa experiência que eu percebi, quando fizeram essa pergunta: onde essa rachadura entrou em você, nesse tempo de pandemia? Uma das rachaduras que entrou em mim, que aconteceu em mim, foi essa, essa pergunta sobre a verdade; sobre você se sentir muitas vezes que pode ser manipulado no meio da situação que a gente está vivendo. Mas a segunda coisa é sobre o ceticismo, que foi uma descoberta, que eu ainda estou descobrindo, não está totalmente finalizado, não está totalmente fechado. É assim: Em meados de 2017, eu comecei a perceber um sutil incômodo surgir dentro de mim, em relação ao meu trabalho. Eu sou professor de matemática e nesses pouco mais de 20 anos de sala de aula, eu vi aparecer e desaparecer muitos outros tipos de incômodos, ligados à educação, ligados à minha profissão. Em alguns momentos o problema eram os alunos; outros momentos, a coordenação do Colégio. Em outros momentos era o (próprio) colégio. Em outros momentos era eu, diante das responsabilidades como professor. Acontece que o incômodo de que estou a falar se mostrou bastante diferente de todos os outros incômodos que eu já vivi. Era algo mais grave, mais intenso. Começou de um jeito quase imperceptível e o seu desenvolvimento quase não foi notado ao longo desses últimos quatro anos. Frente à realidade com a qual devo lidar quase todos os dias, que muitas vezes são estudantes desinteressados ou o excesso de trabalho, muitas vezes a ausência do reconhecimento desses alunos, da própria escola por exemplo, esse incômodo se mostrou a mim por meio do seguinte pensamento. É como se eu tivesse tido esse pensamento – pessoal, essa frase que vou dizer me causa muita vergonha, mas estou sendo bem sincero – é como se eu, diante do aluno que às vezes não quer nada, que só está ali indiferente, nasceu dentro de mim em algum momento nesses últimos 4 anos, esse pensamento: “já não é você que não quer aprender, sou eu que não quero mais te ensinar. Sou eu que não quero mais te passar o que eu aprendi ao longo da vida”. Em um primeiro momento, eu me senti no direito de afirmar isso, pensava que eu estava com a razão, achando que eu estava com a razão e por isso podia falar aquilo sem nenhum peso. A questão é que isso não é uma coisa bonita de sair de um professor. Não é algo bonito de sair de ninguém pra falar a verdade. Então, num segundo momento me veio um sentimento de tristeza por ter pensado isso, por ter agido assim, porque eu comecei a pensar em Deus, como é que Deus age conosco. Pensei que Deus é como se fosse o professor. E eu seria um dos meus alunos. Pensava em Deus como sendo um professor e eu como se fosse meus estudantes. Todos os dias, Deus nos dá o ser. Independentemente se nós o consideramos ou não. Ele nunca se cansa de nos dar o ser, mesmo se nos encontra indiferentes. Ele não desiste de nós. Assim, a tristeza se apossou de mim porque eu não conseguia ser bom como Deus é bom. Como se eu não conseguisse ter o mesmo olhar que Deus tem para comigo, eu não conseguisse ter esse mesmo olhar para com meus estudantes. E aí eu percebi que o que estava por trás disso, dessa experiência que tem me acompanhado há 4 anos; eu comecei a perceber que o que estava por trás era o início de um ceticismo. Porque eu encontrei uma frase de Dom Giussani em que ele diz assim: *O que é esse ceticismo? É quando uma pessoa sente antipatia pelo bem, quando ele não sente mais atração pela coisa justa. Por isso ele quer fugir dela.* Imagina: o bem é ensinar alguém. Ser um professor, ensinar, isso é um bem. A coisa que me dava atração, que era justamente ensinar, estar com os meninos, é como se eu começasse, em determinado momento, começasse uma antipatia. E aqui nesse texto, Carrón diz assim: *O ceticismo*

*entra em nós quase sem o percebermos. E um pouco depois: Há um ceticismo que nos invade, e com ele uma suspeita que estraga qualquer ocasião de beleza que se apresente no nosso caminho. Então eu comecei a perceber isso, que eu identifiquei esse sentimento. Eu estou lutando contra ele, não é uma coisa que está resolvida, não é uma coisa que está finalizada. Mas, pelo menos, eu identifiquei que mal foi esse que, vamos dizer, entrou em mim. Entrou em mim como se eu tivesse sido atingido pelo vírus do ceticismo, entendeu? E fazer parte dessa história, fazer parte desse caminho, estar mergulhado dentro de uma experiência onde eu posso escutar essas coisas que eu escutei hoje, são coisas que realmente me dão forças para lutar. Continuando a frase, ele diz: A sombra que tal suspeita projeta sobre tudo o que de belo aparece aos nossos olhos é como uma maldição. E das entranhas da tristeza que dela deriva, vem a pergunta: “Há esperança de que eu possa voltar a ser como antes, lá, como um professor do início? É possível reeducar esse olhar que se corrompeu?” Então essa é a segunda coisa que eu queria dizer. Bom, é uma experiência que está em aberto, não tem uma coisa que está fechada, mas pelo menos eu fiquei contente de poder perceber que eu identifiquei. É isso que está acontecendo realmente. E a última coisa, pessoal se puder falar rapidinho, é uma coisa muito bonita que eu recebi, gratuitamente, nesses últimos meses, acho que tem um mês que eu recebi isso. É de um ex-aluno meu, que se casou, e que quando eu ainda morava em São Paulo, eu conversava de vez em quando com ele, porque ele se mudou de Brasília para São Paulo também. E de vez em quando eu me encontrava com ele lá. Ele não é católico, não acredita em Deus nem nada, ele é um cara bem diferente. E na verdade, nessas conversas com ele eu nunca quis colocar pra ele sobre Deus, igreja, nada, era uma conversa muito livre, muito aberta. Mas um dia a gente conversou e eu vou ler pra vocês rapidinho, que é coisa rápida, ele falou assim: *Ronaldo, tudo bem? Lembra desse texto que você me falou numa determinada vez que nós saímos pra comer uma pizza lá em São Paulo? Você me comentou esse texto: o imprevisto é a única esperança. Eu nunca esqueci essa frase, achei muito marcante. Depois cheguei em casa e achei o texto inteiro, e gostei mais ainda. Fiz uma anotação mental do texto. daquelas que você, por vezes, deixa meio de lado, às vezes passa anos sem lembrar, mas que nunca esquece. Aí, há algumas semanas, eu me lembrei desse texto enquanto estava lavando louça e começou a desencadear várias coisas na minha cabeça. Aí eu peguei emprestado esse texto e fiz um pequeno poema, um pequeno texto a partir dele. Fiquei bem feliz com o resultado. Valeu por compartilhar esse texto comigo, anos atrás. E aí o texto é esse aqui, ele escreveu esse texto para a futura esposa dele, no dia do casamento mesmo, ele leu esse texto no final do casamento, ele fala assim: “Um mero comentário desprezível de Facebook foi o imprevisto que acordou a lembrança, resgatou uma certa dúvida do passado, que resolveu convidar para um café e relembrar os olhares. Quando menos se viu, já havia se tornado uma partilha. De risadas, de sonecas, de jantares. Mais à frente, virou mudança, que trouxe consigo (vida) e o amadurecimento. Até que todos se uniram para se tornar cerimônia. O imprevisto era a única esperança. E foi”.* É isso, pessoal.*

Bracco: Como para você essa coisa do seu aluno ajudou a ver esse ceticismo? Se ajudou.

Colocação: É, ajudou sim, ajudou porque o ceticismo que entra e que tende a querer se afirmar sobre mim em relação ao meu trabalho de professor, eu sei que é uma tentação. É uma tentação, não é justo abraçar essa ideia: “sou eu que não quero mais te ensinar”. Não é justo eu abraçar essa ideia, porque não é correspondente ao meu coração. O que é correspondente ao meu coração é, por exemplo, depois de tantos anos que eu falei essa frase, nunca nem falei de Cristo, ele sabe da minha vocação porque eu contei pra ele

uma vez. Mas foram sempre conversas muito simples, muito da vida, nada ligado a religião, a Igreja, nada para tentar convencê-lo de nada. Mas um dia eu contei essa frase que ficou pra mim como uma coisa... E ele guardou e falou: fui em casa, escrevi essa frase no Google e peguei o texto todo, e gostei mais ainda. Essa coisa que ele falou é uma esperança pra mim.

Bracco: É fantástico, porque Cristo, quando encontrava as pessoas, ele não falava de si mesmo, não falava de religião. Não falava do cristianismo. Ele falava do humano. Como você falou do seu aluno, você nunca falou de Cristo. Você foi humano. É humano, aquilo que é sinal de Cristo. É isso que vence... é isso que cria essas brechas. Agora que não se sabe mais onde está a verdade, e tudo pode se tornar dialética, não vence alguém que tenta explicar a verdade. Vence aquilo que é mais humano. Vence aquilo que fala do humano. Porque todo mundo tem feridas muito mais sangrentas que antes e precisa desse olhar humano. E nós não convenceremos mais ninguém ou cada vez menos, com discurso. Só com a experiência de alguém que é humano, como você foi pro seu aluno e abriu essa brecha nele. Esse é o exemplo de alguém que é uma presença. É isso é como... sabe aquela luz no quarto escuro? O quarto escuro é o ceticismo, você tem mil alunos que não querem saber de nada, você fala, ninguém tá nem aí... E um é como se fosse o fósforo dentro do quarto escuro. Esse ilumina. Essa luz, o escuro não é nada. Quando acontece uma luz, começa a iluminar. Essa é a força que Cristo faz acontecer hoje, através do humano, através de alguém que é humano e que quebra essa crosta desse niilismo, ceticismo, que entra em nós e não temos que ter medo, como você falou hoje. Nós não somos super-homens. Entra embaixo da porta, nas nossas casas. E só se tem essa luz, essas experiências que se tornam esses fósforos, que isso, nós começamos a ver que... existe o ceticismo existe, o niilismo existe, essa tentação de que tudo é nada existe, mas existe uma coisa que é mais poderosa. É essa a origem daquilo que pode ajudar também a distinguir o que é verdade e o que é esse nada. Esse é o grande desafio que temos. Obrigado.

Colocação: Eu agradeço essa partilha, porque eu acho que tem muito a ver com a experiência que eu quero contar. Teve um dia no meu trabalho que eu, enfrentando alguns desafios, saí muito amargurada, muito ferida, e foi um dia que eu acho que essa experiência que você comentou de ceticismo começou a entrar, a ferir muito. Eu me senti muito vencida nesse dia. Voltando pra casa peguei um Uber e aí conversando com o motorista foi uma conversa leve, e num determinado momento ele falou assim: “Olha, eu queria dividir um pouco da minha história com você, porque eu estou vendo que você está aberta e me aconteceu uma situação muito importante que eu quero dividir”. E realmente, tinha sido um bate papo leve que foi me tirando um pouco da dureza do dia. E aí ele foi dizer da experiência que ele sempre quis ser pai e não por uma questão deles, ele não poderia, então com a esposa resolveram adotar uma criança e começaram esse processo, e de repente encontraram o Miguel e ele falou que durante 4 meses eles ficavam acompanhando naquela expectativa de adotar, se ia dar certo, se não ia, e no quarto mês descobriram que a criança tinha paralisia cerebral. E ele virou pra mim e falou assim: “Quando o Miguel me olhou, eu entendi que não fui eu que escolhi ele, foi ele que me escolheu. Eu me tornei pai naquele dia”. E quando a psicóloga deu essa notícia, achava que eles iriam desistir, mas quiseram continuar o processo de adoção, mesmo com a paralisia cerebral. Contou que eles moravam no interior, esse processo de adoção aconteceu pegando o início da pandemia, então a questão do trabalho foi algo dramático, eles resolveram se mudar para Belo Horizonte, por causa do tratamento do menino e para dar um pouquinho mais de qualidade de vida pois ele precisava de um tratamento caríssimo. Começaram uma campanha para arrecadar dinheiro e pagar a

fisioterapia, porque eles não tinham condição. Ele era músico, começou a trabalhar como Uber para conseguir sustentar a família, e era muito impactante pra mim porque ele contava isso apaixonadamente. E esse encontro com o Gabriel, que é o pai do Miguel, foi uma grande resposta pra mim aquele dia, porque recuperou tudo aquilo para o qual eu fui feita, que à medida que ele contava a experiência dele, eu me dava conta de que era esse o meu desejo, eu queria me sentir convocada pela realidade com a mesma potência que ele foi, diante do Miguel, eu queria me lançar em uma experiência com a mesma paixão que ele estava se lançando ao ser chamado para essa vocação de pai. Que toda essa tensão dele, de responder, estar lá trabalhando como Uber até tarde, mas feliz porque ele estava respondendo a algo que correspondia. Isso me recuperou de toda aquela amargura que eu estava no dia. E nasceu um encontro muito bonito. E eu dizia: como pode alguém que viveu uma experiência tão dramática, ser alguém que vem me salvar de um dia? E me salvou não porque o meu trabalho mudou a realidade, do que eu terei que enfrentar também no dia seguinte, mas recuperou aquilo para o qual eu fui feita, que não é o ceticismo, é essa esperança que acontece porque nos são dadas coisas muito concretas para olhar.

Colocação: Eu queria contar um pouco para vocês a experiência que eu fiz, fazendo o terço pelo Kim, de São Paulo, que para mim foi uma coisa muito grande que aconteceu. Eu fiquei muito angustiada quando eu soube que o Kim estava internado com Covid e tinha ido para a UTI. Eu não tenho relacionamento estreito de amizade com eles, mas eles vêm pra cá – o Kim, a Dani, a família toda – nos acampamentos, foram do meu tempo de CLU, eu vi os dois começando a namorar. A primeira coisa que aconteceu foi que eu fiquei muito impactada de ver a quantidade de pessoas que estava rezando por Zoom. Tinha assim umas 130 telas. Você pensar que tinha duas, quatro pessoas em cada tela, era um número enorme de pessoas. E eu comecei a me perguntar por que essas pessoas vêm aqui para rezar por um amigo. E comecei a me perguntar o que era o pedido, no fundo, de verdade. E enquanto o terço foi acontecendo ele foi piorando. Um dia era uma bactéria, outro dia era não sei o quê, outro dia não sei o que lá, e eu fiz uma experiência de muita revolta, eu fiquei muito brava e eu me vi me perguntando se de verdade eu acreditava que tinha Alguém do outro lado, respondendo. Eu fiz uma experiência de me perguntar: mas eu acredito mesmo? Acredito mesmo em Deus? Acredito mesmo em Nossa Senhora? Acredito mesmo em Cristo? Acredito mesmo que tem Alguém? Mas era tão dramática a situação do Kim e eu estava tão angustiada e achava tão triste e ficava me perguntando por que acontece isso com um homem bom, com um pai de família, com um marido? E então eu fiz uma experiência de ateísmo mesmo. Eu vivo num mundo muito ateu, eu acho que tem um grande ateísmo dentro de mim. Mas eu continuei indo no terço. E quando eu ia no terço, a experiência de rezar com aquelas 200 pessoas, eu acho que é isso que o Bracco falou, não tinha jeito de não fazer uma experiência de janela pro infinito. Não tinha jeito. Era muito misterioso, eu via pessoas que fizeram parte da minha vida 30 anos atrás que estavam comigo no CLU, e foi uma experiência muito palpável de relação com Deus, de sobrenatural, disse que racha o dia da gente, desse infinito que entra. E eu acho que foi um momento de uma pequena conversão, pra mim; sobre o que significava realmente o pedido, o tempo de Deus. E fiquei pensando que talvez tudo tivesse a ver com isso: com a conversão, com o meu relacionamento com Cristo. A conversão do Kim, a conversão da Dani, a conversão dos meninos dele, a minha conversão, a conversão de todos que estavam lá. Então ficou muito palpável pra mim aquela coisa que a gente fala na missa: “Senhor, eu creio, mas aumentai a minha fé”.

Bracco: Obrigado, porque é exatamente isso, nós precisamos de um relacionamento como com um amigo. E com Cristo não é, não pode ser diferente, não pode ser um discurso que nós achamos que está já implantado na nossa cabeça, como um chip. Cristo é como um amigo, como uma pessoa que você conhece. E você conhece ele? Eu conheço ele? Onde eu o conheci? Onde eu conheço ele? Por isso que nós temos que identificar os traços inconfundíveis desses toques do infinito na nossa vida. Ele quis te encontrar como encontrou Mateus, que foi indicado por ele. Onde eu vi, onde eu vejo que ele está me chamando assim com o dedo? Ou Tomé, aquele que botou o dedo na ferida? Sempre pensei: Nossa, Tomé, é como se fosse um pouco descrente, aquele que mais queria ver, senão não acreditava. E agora é através de Tomé que se reza agora a coisa mais simples que as pessoas me ensinaram aqui: “Meu Senhor e meu Deus” – quando o padre levanta a hóstia. “Meu Senhor e meu Deus. Eu creio, mas aumenta a minha fé”. Isso veio desse cara que quis colocar o dedo. Porque nós precisamos disso também. E Jesus não recusou, não falou que era um idiota. Ele pegou o dedo: bota aqui. Então nós precisamos disso também para conhecer Jesus. Onde o conhecemos? Não ficamos só com discurso. Onde estamos conhecendo nos nossos dias, Ele? Porque é isso que faz aumentar a nossa fé e também estar na frente daquilo que não tem explicação, sabe, que é a dor, como ele viveu a dor, como os apóstolos viveram a dor, vendo Cristo. Mas eles o viram ressuscitado. Então, onde eu o vejo ressuscitado, para responder, não explicando, para responder com a sua presença àquilo que eu não consigo explicar? Isso acontece conhecendo Cristo na realidade. Essa coisa, uma porta para o infinito, não é irreal. É real, na minha vida. Esse exemplo do terço pelo Kim é outra experiência que nos testemunha isso.

Colocação: Nessa situação agora de pandemia, em mais de um ano, meu filho mais velho, que todos os dias sai para trabalhar, nunca tinha acontecido nada. Em um belo dia, ele chega em casa adoecido, meio gripado e tal, e ao fazer o teste da Covid, deu positivo. Ele desenvolveu uma pneumonia que chegou a uns 40% do pulmão, foi relativamente grave. E o que a pandemia traz? Primeiro, a pandemia, o vírus Covid dentro da sua casa. Segundo, uma incerteza: o que a pandemia faz? Um dia após o outro. Um dia é incerto, outro dia é incerto, e daí a gente vai dia após dia, durante 14 dias, no mínimo, para esperar que algo bom venha ali, que é a cura, que é a recuperação da pessoa e tal. E ele conseguiu vencer, ficou curado, voltou ao trabalho. Aí 15 dias depois que ele tinha ficado bom, minha filha do meio, que é casada, pegou Covid. E minha netinha de um ano, e meu genro, também. E, de toda essa história, a minha filha mais nova também pegou Covid. Então foi uma onda de Covid na família. E de novo aquela história: a incerteza, a espera, como é que eu tenho que viver isto aqui. Graças a Deus eu não peguei, eu fiquei cuidando dessa galera toda: alguns de longe, outros aqui de perto. E além disso, tem uma situação na minha vida que me traz uma extrema dor. E aí um dia, nesse cenário todo, eu saí para caminhar e aí eu comecei a conversar com Jesus. Eu falei: “Nossa, isso aqui não está bom, a vida desse jeito está ruim, está pesado demais, está difícil demais. Como eu faço para viver? Aí nessa caminhada, a resposta que me veio foi um grande imprevisto para mim, e me veio assim: “Há quantos anos você ouviu isso e você ainda não entendeu? Para existir a ressurreição, tem que existir a morte. Então, a morte gera ressurreição. Essa morte que vem com a dor, ela não é a última palavra”. Isso para mim veio como um grande imprevisto, um grande aprendizado nesse momento. Porque o grão, a semente, o grão da semente que nasce é jogado na terra. Se ele não morrer, não dará frutos. Essa experiência de dor, se ela não for aceita, se ela não for vivenciada na certeza do que me aconteceu, ela não vai dar frutos na minha vida. Mas a partir desse momento que eu entendi isso, mudou. A dor não é a última palavra. Eu não preciso ter medo da dor. Vão existir situações de dor, não

só essas, outras. Mas é porque eu entendi que não é a última palavra, a ressurreição é um fato. É um fato, porque aconteceu comigo ali, meu coração deu uma virada, sabe, aquele peso, aquela conversa lamentosa com Jesus – “mas isso aqui está muito difícil” e tal – gerou uma luz. Algo aconteceu ali e eu posso dizer pra vocês que, a partir de então, é como se eu tivesse renascido. A dor existe, ela faz parte, mas ela não me define. Porque Jesus já ressuscitou e essa ressurreição é possível para mim agora.

Bracco: É aquilo que falamos hoje. Onde vejo esses sinais da ressurreição? O que significa? Onde ele está vivo. Está vivo como era vivo para Pedro e para Paulo. Que deram a vida por ele. E nós, dentro das bagunças, dentro da situação política, dentro daquilo que estamos vivendo, dentro da Covid, como é que vivemos esse relacionamento com Cristo? Que força tem? Tem aquela força que tinham Pedro e Paulo? Nós hoje vimos sinais disso. E isso dá vontade também de rezar: nossa, eu vejo isso, eu creio nisso, mas aumenta a minha fé. Aumenta, aumenta essa certeza, aumenta esse vínculo, aumenta a certeza de mim em você e você em mim; que você é real, é essa porta para o infinito, dentro da minha vida. E isso diante de tudo: do caminhão que te atropela, do amigo que escreve num grupo de WhatsApp contra você, ou defendendo algo com que você não concorda, das mortes, e um terço por um amigo que está doente, e da Covid que entrou na tua casa. E o filho de um amigo com uma doença. Tudo, tudo tem a ver com isso.

Marquinho: Bracco, tem uma última questão, que a Patrícia vai colocar uma pergunta, sobre o decreto último do Vaticano, que eu acho que é importante todo mundo conhecer.

Patrícia: Vou aproveitar que o Bracco está aqui e queria que ele explicasse como está vendo, vivendo essa experiência. Eu não sei se todo mundo está acompanhando, mas faz alguns dias, através do Vaticano chegou um decreto que diz respeito sobre o governo dos movimentos. Aqueles movimentos que não são guiados atualmente pelos fundadores, têm um prazo para que o presidente permaneça e depois tenha a substituição. E nós estamos incluídos, Comunhão e Libertação está incluído nesse decreto. Eu fico também muito agradecida por tudo que a gente ouviu hoje, porque acho que é uma luz também sobre essa realidade, sobre esse real que chega pra nós com esse decreto. Mas eu queria ouvir de você, Bracco, o que você percebe, o que identifica.

Bracco: Bom, a primeira coisa é que temos a [Escola de Comunidade de Carrón](#), a última (dia 16 de junho), onde também foi colocada uma pergunta e o Carrón respondeu a esse tema. Então eu sugiro a todo mundo ir lá e ler. Antes de tudo, ler esse decreto, porque tem a ver com a nossa história. Tem o decreto no [site do Movimento](#) e tem também uma nota explicativa que traz um pouco nos detalhes do que se trata. Que praticamente é: vendo o que aconteceu em algumas associações e outros movimentos, alguns tipos de problemas, que acho que vocês também ouviram falar, não é do Movimento CL, não tem a ver conosco, mas tem a ver com outros: abusos de poder, abusos de autoridade. De alguma forma a Igreja começou a avaliar isso, e com o perigo que pode ter, de personalismo, de posse do carisma e de abusos desses casos, eles decidiram, a Igreja decidiu, então o Papa decidiu, emitir esse decreto. Decreto significa que é uma lei, isso é pronto, decidido, tem que ser assim. Então que, depois do fundador, quem está no órgão de governo de uma associação como a nossa, não pode ficar no cargo mais que 10 anos. Seriam 5 anos e mais 5 anos. Isso justamente para evitar esse tipo de perigos. Então é uma defesa da liberdade das pessoas que seguem o carisma. Então, nós, como movimento, estamos avaliando e a primeira coisa que Carrón

falou: nós vamos obedecer, viver a obediência a isso. Claramente isso é como um caminhão que passa, porque significa mudanças, mudanças grandes de como a gente estava acostumado a viver. Teremos que rever um pouco todas as dinâmicas também, de como se identificam os responsáveis. Mas isso tem a ver também com algo que Carrón falou, que acho muito interessante, que é: a responsabilidade do carisma é de cada um. É de cada um de nós. E isso, Giussani tinha falado. Mas essa circunstância vai como nos obrigar, agora. Então, a provocação a por quê isso seja vivido por cada um de nós de uma forma ainda mais radical. A responsabilidade do carisma é de cada um de nós. Isso será a coisa principal que irá se refletir em todas essas mudanças. E teremos tempo, dois anos, para poder analisar, verificar junto agora com Carrón. Eu faço parte da Diaconia da Fraternidade, eu também já estou “vencido”, já passou de 10 anos, então teremos que identificar outros. E também para o guia maior do Movimento, Carrón também venceu esse tempo. Então é um momento de grande responsabilidade, de provocação, mas não é só de um grupo de pessoas – essa é a coisa interessante: é de cada um de nós. Que cada um de nós possa sentir e verificar isso como algo que é para ele, para nós, para a vida do nosso Movimento, que é cada um de nós. Então, sugiro isso, de ir lá, ler o decreto, ler a Escola de Comunidade do Carrón e ver como é que a gente está reagindo. É na estrutura da nossa reação que se vê o caminho que fizemos até agora. Na segunda-feira se vê como a gente viveu o domingo. No medo que temos na segunda-feira ou na paixão pela segunda-feira se vê aquilo que aconteceu no domingo. Então, quando acontece um imprevisto – como nesse caso porque não sabemos, é uma mudança grande –, como enfrentaremos isso vai se ver daquilo que vivemos como experiência até agora. E isso irá ajudar. Senão a gente não vê outras coisas, outra experiência que não tem a ver com essa verificação pessoal da nossa fé. Entre vocês também, claramente, é um espaço para que, se tiverem perguntas, de falar sobre isso também. Não é uma coisa que não se tem que falar, pelo contrário.

Para concluir eu queria agradecer. Foi um imprevisto porque como começamos, como começamos hoje, e aquilo que aconteceu. Esse não é um sinal da ressurreição de alguém que está presente? Como cada um de nós agora vai embora, vai se ver da abertura que teremos diante daquilo que aconteceu. Por exemplo: foi bonito, gostei do fulano, gostei do sicrano. Ou: nossa, obrigado Senhor! Meu Senhor e meu Deus. Eu creio, mas aumenta a minha fé.

Marquinho: Obrigado, Bracco, obrigado todo mundo. Vou só dar uns avisos aqui.

- O primeiro é sobre a Escola de Comunidade que já está disponível no site a primeira parte do capítulo 4, enquanto ainda não sai o livro impresso. Então todo mundo que já está terminando o terceiro capítulo avança para o capítulo 4. É muito importante todo mundo ter o livro, porque acho que são daquelas palavras que a gente tem no Movimento que são fundamentais para o caminho que a gente tem.

Brasília vai fazer a próxima Assembleia no dia 6 de agosto. Em Belo Horizonte a gente vai marcar ainda, a gente comunica mais pra frente.

- Segundo aviso é sobre o centenário de Dom Giussani. Ano que vem completam-se 100 anos do nascimento de Dom Giussani e está sendo preparado um grande momento, porque falar do centenário de Dom Giussani – e aí para a gente também vai ter 20 anos da morte do Virgílio, vai completar 1 ano da morte do Pigi, quer dizer, se a gente pensa nesses caras aí, que são nossa história, estamos falando da nossa história, estamos falando daquilo que aconteceu pra gente, desse imprevisto que se tornou uma cara concreta, uma palavra, um gesto concreto para a gente. Então é uma grande oportunidade pra gente, para a gente conhecer a história, para a gente se dar conta do impacto como hoje na Assembleia, o impacto que essa história tem na nossa vida hoje. Então cada comunidade pode, [entrando no site](#), conhecer e poder participar ativamente.

Mas a coisa principal é essa, que história bonita é essa que a gente encontrou, que faz a gente ter um momento como este de hoje, aqui.

- Outro aviso, sobre o Meeting de Rimini que todo ano acontece na época do verão na Itália, em agosto, e no ano passado se tornou um evento totalmente transmitido pela Internet. Então antes de tudo é um exemplo fantástico de como que a nossa experiência se torna juízo, se torna um olhar, tudo aquilo que está acontecendo no mundo inteiro, de todos os assuntos, de todos os temas, é muito impressionante. Acho que a maioria aí já viu um momento ou outro do Meeting. Nesse ano tem também a possibilidade de participar como voluntário. É uma maneira de participar e ajudar o Meeting a acontecer, não só lá na Itália, pela transmissão que vai acontecer mas também organizando alguns momentos aqui. O Alexandre Ferraro, lá de São Paulo, junto com o CLU, está organizando como a gente pode fazer aqui no Brasil, algum momento que amplia aquela que é a proposta do Meeting. Então vai chegar esse aviso também para todo mundo, para que todo mundo que tenha interesse de participar faça isso.

- A outra coisa, o livro do Nembrini *De pai para filho*, que todo mundo que participou daquele encontro da Revista Passos, daquela live que teve com o Nembrini pôde conhecer melhor. E o livro dele acabou de ser publicado, já está disponível, muita gente já comprou e agora a gente precisa ler, precisa aproveitar esse conteúdo. É um percurso muito bonito sobre o que significa a educação nesses tempos de hoje. Nembrini é um cara genial. Então, nos ajudemos nisso também. Da mesma maneira que a gente está falando da Escola de Comunidade, ajudemos a aprofundar esses instrumentos que a gente tem, como esse do Nembrini.

Bracco: Na última Revista tem uma propaganda, se vocês vão ver, “quem assina a revista recebe o livro do Nembrini digital de graça”. Mas esse livro é espetacular. Quantos problemas temos, os pais com os filhos, a educação. Lá dentro tem um testemunho espetacular dele, que enfrenta um monte de coisas. Quatro mil cursos que a gente pergunta o que procura de educação não vale esse livro. Então, sugiro de pegar o livro e ler, discutir entre vocês, inclusive estou falando com ele que está disponível para fazer encontros sobre o livro. É muito interessante para quem tem filhos e quer verificar essa parte da educação, também para quem é educador. Ele é muito fácil de ler, então é uma ocasião enorme que temos. Aproveitem!

Marquinho: E por último tem também os livros do bimestre, que são indicações que também são para a gente, como as músicas do início, que ajudam a gente a entrar na experiência, a mesma coisa o livro do bimestre que agora nesse tempo está indicado *Diário de um pároco de aldeia*, que também é uma oportunidade.

Duas últimas coisas rápidas: uma que, aqui em Belo Horizonte, a gente vai retomar a missa da comunidade nos domingos. Presencialmente. A gente vai lá no Primeiro de Maio, sempre, mas só que na igreja principal, na Igreja Santo Antônio, que é onde o Pigi morava, onde o Cássio hoje é o pároco e mora ali do lado. Então a gente vai retomar a partir do próximo domingo, 11h30 da manhã. E com a atenção, todo mundo, escute bem, com a atenção de não aglomerar. Dentro da igreja, é tudo muito separadinho, muito bonitinho, ninguém encosta em ninguém, ninguém respira em cima de ninguém; mas na hora da saída, o nosso costume é de beijos e abraços, então vamos nos comportar, sair logo para casa e nada de Covid não. Nossa amiga contou agora da família dela, então vamos ficar bem atentos.

E a última coisa, só uma notícia breve também, que a Marcela foi eleita como suplente no CONSEC, que é o Conselho de Política Cultural de Minas Gerais. Eu quero falar isso aqui agora, porque é importante isso. O Conselho é um espaço da sociedade civil, onde a sociedade civil justamente pode colaborar para o desenho, para as definições das

políticas públicas nesse âmbito da cultura. E a Marcela que tem uma longa história, uma longa experiência, e que se arrisca ali dentro a viver a partir da experiência esse imprevisto que tocou a vida, então é uma grande contribuição nesse espaço. Então é só para contar pra todo mundo desse resultado que aconteceu na semana passada. Parabéns, Marcela!

Marcela: Quero só agradecer, porque foi um imprevisto você dizer isso na frente de todo mundo. Obrigada, obrigada demais! Fico muito feliz, porque eu recebi votos do Estado inteiro de Minas Gerais, de Norte a Sul. Vejo que esse estar na realidade, sem proselitismo, sem discurso, existir na realidade, estar com as pessoas, ser companhia para as pessoas, constrói. Constrói. A liberdade da gente constrói. Só isso.

Marquinho: Rezamos um Glória, então. Obrigado, pessoal! Um abraço! Bom domingo!

(Notas não revisadas pelos autores das colocações)